

A ORGANIZAÇÃO E O TRABALHO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ITINERANTE PAULO FREIRE

Adriane Angela Nierotka educando do curso de especialização em Educação do Campo – EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Bituruna, e-mail:

drinha_angel@yahoo.com.br

Vitor de Moraes educador orientador UFPR - Litoral.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco de estudo a Escola Itinerante Paulo Freire, situada no município de Paula Freitas - Pr. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi realizado um trabalho de campo com visita a escola e entrevista com o coordenador pedagógico Jesun F. da Silva e a educadora Luciane O. da Silva. A primeira visita foi feita em novembro de 2010, para conhecer a escola e fazer uma análise de como é o funcionamento da escola, seus horários e organização do processo pedagógico da escola. Com a pesquisa pude perceber a importância que a escola tem no acampamento do MST, é vista pelos acampados como um tesouro, onde todos ajudam a cuidar e participam de todas as fases do processo de ensino/aprendizagem, planejamento e infra - estrutura da escola. São as famílias acampadas que ajudam a manter o funcionamento da escola. Apesar das dificuldades que a escola enfrenta todos trabalham unidos para vencer as dificuldades em busca de uma educação de qualidade para todos os filhos das famílias acampadas.

Palavras-chave: Escola Itinerante, organicidade formativa e pedagógico, estrutura e funcionamento.

1 CONTEXTO

1.1 A ESCOLA ITINERANTE

A Escola Itinerante foi criada para atender as crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de itinerância e, enquanto estão acampadas, lutando pela terra.

Sua essência, não esta voltada somente para as crianças, mas para toda a população acampada, pois os acampamentos são criados por famílias que não só foram excluídas do processo produtivo, mas de todos os seus direitos, inclusive o de estudar.

Para se efetivar legalmente, as escolas itinerantes encontram-se vinculadas diretamente a uma Escola da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná, denominada Escola Base.

A Escola Base foi criada com o objetivo de acompanhar e dar suporte legal e pedagógico à vida escolar dos educandos/as e educadores/as, além de ser responsável pela documentação escolar dos educandos compondo os registros históricos do MST.

A Escola Itinerante tem uma organicidade própria, que procura articular a forma de organização da escola com a forma de organização social e política da comunidade. Ela é conduzida e organizada coletivamente, com uma coordenação pedagógica escolhida pelo movimento, não pela Secretaria De Estado da Educação do Paraná.

1.1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA ITINERANTE NO PARANÁ

Em 2003, a luta do MST no Paraná pela escola do acampamento/Escola Itinerante iniciada na década de 80, é finalmente pauta da Secretaria de Estado da Educação/Coordenação da Educação do Campo (SEED/CEC) e o primeiro passo é a constituição de uma equipe formada por representantes da SEED/CEC e do Setor de Educação do MST¹ com o objetivo de conhecer as experiências realizadas até então no Rio Grande do Sul, para tanto, o grupo deslocou-se até o referido Estado.

Desta feita, a equipe dá início a construção coletiva da Proposta Pedagógica das Escolas Itinerantes e, assim, em 8 de dezembro de 2003, após diversos momentos de diálogo é aprovada pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), sob o Parecer 1012/03, como experiência pedagógica com vigência mínima de dois anos e prorrogada por mais dois. Embasam este Parecer as Resoluções nº 614 e 1660 (SEED), publicadas, respectivamente em 17 de fevereiro e 04 de maio de 2004 (SEED). Após esses primeiros passos e contando com o acúmulo de experiências na implementação da Escola Itinerante no Rio Grande do Sul uma das estratégias, já em processo no referido estado, foi assumida pela SEED/CEC e Setor de Educação do MST, no Paraná, a instituição de uma Escola Base (EB), um Colégio da Rede Estadual de Educação, localizado, preferencialmente, em uma área de assentamento da reforma agrária. Este estabelecimento de ensino é o responsável pela matrícula, emissão de documentação e outras atribuições para garantir o funcionamento pedagógico e administrativo das Escolas Itinerantes. E assim, na Resolução nº 614/04 no Art. 1º é autorizada “a implementação da Escola Itinerante nos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que terá como mantenedor o Governo do Estado do Paraná” e como Escola Base .

¹ Constituíram essa equipe: Sonia Fátima Schwendler, Márcia F. Porto, Ritamar Andretta (SEED) e Maria Izabel Grein (MST).

Segundo Ana Cristina Hammel, pedagoga do referido colégio, o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, localizado no assentamento Marcos Freire, no município de Rio Bonito do Iguaçu, NRE de Laranjeiras do Sul, a partir do ano letivo de 2004, com oferta de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos, onde em seu Projeto Político pedagógico aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, garante que:

§ 1º para garantir a estrutura e funcionamento da Proposta Pedagógica da Escola Itinerante, (...) a Escola Base será responsável pelo registro, guarda e expedição da documentação escolar do aluno assim como pelo suporte legal e pedagógico.

Anos depois, em 2006, devido ao aumento na demanda das Escolas Itinerantes é criada uma nova Escola Base, obedecendo aos mesmos termos da Resolução nº614/04, supracitada que após algumas reuniões é escolhido pelo Setor de Educação do MST e pela SEED/CEC, o Colégio Estadual Centrão, localizado no assentamento Pontal do Tigre, no município de Querência do Norte, Núcleo Regional de Educação (NRE) de Loanda.

Assim como a Escola Base que o antecedeu, o C.E. Centrão, também, passar a ofertar, além dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio, a Educação Infantil e os Anos Iniciais, já que estas são demandas específicas das Escolas Itinerantes, uma vez que no Estado do Paraná a responsabilidade pelas modalidades citadas pertence aos municípios, logo, as Escolas Base são uma exceção na rede Estadual de Educação, pois possuem autorização da SEED para a matrícula e acompanhamento pedagógico da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, entretanto, o atendimento aos alunos é realizado nas 10 Escolas Itinerantes.

Inicialmente as Escolas Itinerantes visavam atender à Educação Infantil, mas com o tempo e os inúmeros problemas gerados pela ida de crianças, jovens e

adolescentes para a cidade sendo eles pertencentes ao MST e residentes em acampamento, pela precariedade do transporte escolar, a falta de estrutura física e de recursos dos municípios e do Estado também não conseguem absorver a chegada de um grande número de crianças, jovens e adolescentes em pequenos municípios, entre outras, levaram à ampliação da demanda e, assim, as Escolas Itinerantes a partir da Resolução 614/04 permite que os filhos dos acampados freqüentem desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e, atualmente, cinco escolas ofertam além da Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, também, o Ensino Médio. Há perspectivas que em 2011 sejam seis as escolas a ofertar as modalidades citadas.

Portanto, a Escola Base foi e é a alternativa encontrada por dentro do sistema de ensino tradicional para matricular crianças, jovens e adolescentes que se encontram em situação de acampamento. Além, da matrícula as Escola Base são responsáveis pelo repasse do Fundo Rotativo, por solicitar à SEED abertura de demanda para professores/as, abertura de turmas, merenda, materiais (de consumo e permanentes) e outras providências para garantir a estrutura e o funcionamento das Escolas Itinerantes como prevê a Resolução n° 614/04.

Outra estratégia pensada e construída, a partir dos diálogos entre SEED/CEC e Setor de Educação do MST, para garantir nas dez Escolas Itinerantes as modalidades de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi a celebração, desde 2004, do Termo de Convênio de Cooperação Técnica e Financeira entre a Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP) e SEED, atualmente, em seu segundo Termo de Convênio.

Ressalta-se que o referido convênio estabelece condições e obrigações aos partícipes quanto à transferência de recursos financeiros para fins de pagamento de salários e respectivos encargos sociais de profissionais contratados para atuarem nas Escolas Itinerantes na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental,

garantindo escolarização aos acampados. Nos termos do convênio estão contemplados, além, dos/as professores/as, os/as coordenadores/as pedagógicos, em ambas as situações eles/as residem no próprio acampamento garantindo, assim, uma educação a partir da realidade vivenciada.

1.2 ESCOLA ITINERANTE PAULO FREIRE

No final do ano de 2007, depois da ampla discussão entre as famílias acampadas e os educadores/as, a Escola Itinerante Paulo Freire, foi transferida para o acampamento Reduto de Caranguatá, que está localizado no município de Paula Freitas, perto da comunidade de Faxinal, aproximadamente 09 km da sede do município.

O acampamento Recanto de Caranguatá, teve seu nome escolhido em homenagem a um reduto de caboclos que lutaram na Guerra do Contestado em 1914, na região Sul do Estado do Paraná. Tem aproximadamente 40 famílias acampadas, vindas de diversas partes, e cerca de 11 crianças em idade escolar de 05 a 10 anos de idade.

No início de 2008, iniciou-se a construção da escola. A estrutura da escola foi planejada junto com a coordenação do acampamento, a escola foi construída com as formas de figuras geométricas. Essas figuras ajudam na compreensão das crianças a diferenciar e melhorar a percepção do espaço e a localização das crianças na estrutura da escola. E também para superar o formato predominante das construções quadradas, com o desafio de ter uma escola diferente não só na sua estrutura, mas que seja diferente em todo o processo de ensino aprendizagem das crianças, voltada para a formação humana, respeitando as crianças como sujeitas de um projeto de transformação de toda a sociedade. Construir uma nova estrutura de escola é iniciar todo um trabalho com o objetivo de ter a história como base para construir um jeito de pensar a educação, tendo em vista a realidade e os sujeitos.

A Escola Base responsável pela Escola Itinerante Paulo Freire, fica situada no município de Rio Bonito do Iguaçu – PR, é o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, lá ficam todas as documentações da escola.



Escola Itinerante Paulo Freire.

1.3 PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA ITINERANTE PAULO FREIRE

A proposta pedagógica visa desenvolver um ensino de qualidade, criando condições e situações desafiadoras para que os educandos (as) sejam construtores da sua identidade e de seu conhecimento.

A escola Itinerante está organizada em etapas que corresponde ao ensino fundamental, com objetivos e conteúdos próprios a cada etapa, que são construídos no decorrer do processo pedagógico. As etapas previstas na proposta pedagógica

da Escola Itinerante caracterizam-se pela flexibilização e integração. A organização curricular possibilita a apreensão e a sistematização de conhecimentos conforme o processo de cada educando. A criança poderá passar para a etapa seguinte a qualquer época do ano letivo, é feita uma avaliação pelos educadores e se a criança alcançou as referências correspondentes de sua etapa, ela passará para a próxima. É uma proposta pedagógica específica e direcionada, pois respeita o tempo de cada aluno na construção de seu conhecimento, dando apoio pedagógico necessário para seu crescimento, desenvolvimento e avanço.

Sonia Kramer (1997, p. 12) segue este pensamento quando escreve que:

Uma proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar. Uma proposta pedagógica é construída no caminho, no caminhar. Toda proposta contém uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também busca de uma resposta. Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrenta os problemas que precisam ser superados e a direção que a orienta. E essa sua fala é a fala de um desejo, de uma vontade eminentemente política no caso de uma proposta educativa, e sempre humana, vontade que, por ser social e humana, aponta isso sim, um caminho também a construir (KRAMER, 1997, p.12).

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA, A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

2.1 SETOR DE EDUCAÇÃO E COLETIVO DE EDUCAÇÃO

O setor de educação é composto por um representante de cada núcleo de base. São escolhidos um coordenador e uma coordenadora que fazem parte da coordenação do acampamento. A função deste setor é pensar e desenvolver atividades na educação, fazendo acontecer o diálogo entre as famílias acampadas e a escola. Também tem o coletivo de educação, composto pelo coordenador pedagógico, pelos educadores/as e coordenador do setor de educação. Este

coletivo possui varias funções, como acompanhar de fato a escola no dia a dia: fazendo reuniões para discutir e encaminhar as questões que vão aparecendo dentro e fora da escola, levando os encaminhamentos para os núcleos de base.

2.2 TEMPOS EDUCATIVOS NA ESCOLA

A Escola Itinerante é organizada por tempos educativos², estes tempos foram criados a partir das demandas do dia a dia da escola. São eles: Tempo formatura, tempo aula, tempo recreio, tempo leitura, tempo oficina, tempo esporte e lazer, tempo organicidade, tempo trabalho;

2.2.1 TEMPO FORMATURA

Este tempo acontece no início das atividades é o primeiro tempo educativo vivenciado pelas crianças e pelos educadores, neste momento os educandos (as) e educadores (as), fazem a conferência das turmas e vivenciam a mística, cada turma diz a palavra de ordem e entoam o Hino do MST e do Brasil. É realizado duas vezes por semana. Este espaço é importante para que as crianças desenvolvam e exercitem a oralidade, fazendo a conferência das turmas e apresentando aos demais, o que foi planejado como atividade.

A formatura tem como referência uma prática do movimento, que antes de qualquer reunião, qualquer atividade, realiza a prática da mística que consiste em celebrar, a memória, a luta e as utopias do movimento, ou seja, dos sujeitos, que fazem parte desse coletivo, e acreditam no processo histórico da construção de

² Itinerante: a Escola dos Sem Terra- Trajetórias e Significados – Caderno da Escola Itinerante – MST. Ano I, nº2, Outubro/2008.

base material, processual e histórica, rumo a uma sociedade solidária humana e socialista.

2.2.2 TEMPO AULA

Desenvolve as atividades teóricas, Ou seja, é o momento da socialização do conhecimento historicamente construído pela humanidade, porém com a criticidade necessária bem como sua articulação a materialidade do acampamento e a realidade concreta do local. Para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça em sala de aula, e que o mesmo reflita outra concepção diferente da escola tradicional que reproduz um currículo hegemônico e capitalista, A organização da sala de aula é feita em grupo, em círculo, conforme o tema escolhido para ser trabalhado. Trabalhando o tema gerador refletindo para a realidade.

2.2.3 TEMPO RECREIO

É o momento onde as crianças em espaço mais aberto podem desenvolver sua criatividade e colocar em prática atividades coletivas oriundas da comunidade e das práticas ocorridas em sala de aula. Práticas essas que colocam que o ser humano, ao mesmo tempo em que produz a sua existência pelo trabalho também precisa de momentos de lazer para se completar como humano e isso quase sempre se dá numa ação mais coletiva, sendo o recreio um espaço e um tempo na escola apropriado para começar a executar algo que se enraizará nas lutas cotidianas e também serve para as crianças se alimentarem. Ao mesmo tempo em que as crianças estão se alimentando estão também articulando as práticas agro ecológicas executadas na comunidade.

2.2.4 TEMPO LEITURA

Tempo específico para a prática de leitura, é feito uma vez por semana. As crianças fazem essa prática em espaços diferentes, como debaixo de uma árvore. É o momento onde as crianças são instigadas a leitura de diferentes tipos de textos. O ato de ler possibilita uma análise mais aprofundada da realidade.

2.2.5 TEMPO OFICINA

Acontece uma vez por semana, esse tempo é bem dinâmico são feitas várias atividades, como construção de brinquedos, trabalham atividades de reforço, filmes estudos dirigidos, maquetes, modelagem dentre outras atividades.

2.2.6 TEMPO ESPORTE E LAZER

São trabalhadas atividades lúdicas e também as atividades físicas cooperativas, apontando a importância da prática de esporte sem competição entre as crianças. Aguçando o espírito coletivo e solidário, sempre numa perspectiva do lazer como necessário, da mesma forma que o trabalho, no sentido de dar as concretas condições da materialidade da humanização e emancipação dos sujeitos.

2.2.7 TEMPO ORGANICIDADE

Tempo destinado as crianças para se reunirem nos núcleos de base da turma. Cada turma escolhe um nome e um grito de ordem. Os núcleos de base segunda as entrevistas e análise bibliográfica são espaços de dialogo sobre as

questões que envolvem o acampamento e essa prática coletiva e dialógica foi incorporada no currículo da escola.

2.2.8 TEMPO TRABALHO

São feitas atividades práticas, como trabalhar na horta e outros ambientes que as crianças compreendam o valor de cultivar produtos orgânicos e assim colher uma vida mais saudável, percebendo que o trabalho é uma atividade importante para nossa formação humana. Passam a entender que para ter o alimento no lanche alguém teve o trabalho de plantar, colher, fazer a comida.

2.3 PLANEJAMENTO DA ESCOLA ITINERANTE PAULO FREIRE

O planejamento é construído de forma coletiva, buscando a contribuição da comunidade acampada na construção do planejamento da escola. Durante o ano os educadores e as pessoas responsáveis pela educação se reúnem para desenvolver o planejamento anual da escola, e no início de cada ano isso só é reafirmado nas reuniões organizadas pelo Estado e município.

Os princípios pedagógicos são:

1º) relação prática e teoria; 2º) combinação metodológica entre processos de ensino e capacitação; 3º) a realidade como base da produção do conhecimento; 4º) conteúdos formativos socialmente úteis; 5º) educação para o trabalho e pelo trabalho; 6º) vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos; 7º) vínculo orgânico entre processos educativos e processos econômicos; 8º) vínculo

orgânico entre educação e cultura; 9º) gestão democrática; 10º) auto-organização dos/das estudantes; 11º) criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores/ das educadoras; 12º) atitude e habilidade de pesquisa e, 13º) combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais. (CADERNO DE EDUCAÇÃO Nº 13, 2005, p. 165-176)

2.4 APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

Há uma preocupação muito grande quanto ao aprendizado das crianças, é feito um acompanhamento especial para as crianças com mais dificuldade no aprendizado, com atividades de contra turno, para atender de uma forma mais direcionada ao aluno com dificuldades. A criança também precisa ser incentivada em casa, pela família isso reforça os interesses da criança na escola. É preciso ter muito esforço, dedicação e nunca desistir daquele educando que apresenta dificuldade na aprendizagem, trabalhando com maior ênfase.

A Escola Itinerante acompanha seus educandos onde estiverem, visto que as atividades do MST ocorrem em diferentes locais. Essa condição de itinerância da escola lhe confere inúmeras possibilidades de ensino/aprendizagem, visto que as crianças têm acesso às inúmeras especificidades de cada local.

2.5 – AVALIAÇÃO

A avaliação das atividades educativas são realizadas pelos professores considerando os princípios prescritos nos Caderno de Educação do MST (1993) onde:

Só prova não chega. É preciso avaliar a participação dos alunos na organização e no trabalho. É preciso avaliar a convivência dos alunos com os outros alunos e dos professores com os outros. Os alunos devem avaliar-se e avaliar os alunos. O assentamento deve avaliar a escola. A escola deve ajudar a avaliar o conjunto do assentamento. Só assim haverá um avanço coletivo e pessoal de todos e de cada um (p.19).

O processo de avaliação é submetido à reflexão dos professores e da comunidade acampada que estudaram como avaliar, quando avaliar, o que avaliar e por quem avaliar, onde optaram não realizar provas como nas escolas convencionais, decidiram por uma avaliação diária e permanente, registrada por meio de parecer descritivo. Portanto avaliar é bem mais do que a aplicação de uma prova, significa considerar e valorizar todos os momentos pedagógicos, com um único objetivo o crescimento coletivo.

2.5.1 OS TEMPOS EDUCATIVOS E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Este é outro aprendizado construído e assumido pelo MST no fazer sua escola e sua pedagogia³. A organização e vivência de diferentes tempos educativos para organizar o trabalho pedagógico, buscando superar a sala de aula como único e hegemônico destacam-se o tempo aula; tempo estudo; tempo trabalho; tempo cultura; tempo formatura; tempo seminário; tempo oficinas (MST, 2005) têm fortalecido e exigido cada vez mais a reflexão de educadores para que estes contribuam com a formação pretendida. Escola, enquanto espaço-tempo de estudo, aulas, pesquisas, leitura e escrita, cálculo da realidade, de ouvir e contar a história; também escola enquanto espaço-tempo de organização social, com organização das instâncias para encontrar saídas aos problemas, as palavras de ordem; escola enquanto espaço-tempo de trabalho e produção da existência, tempo para aprender a cultivar a terra, cuidar dela, saboreá-la com o trabalho coletivo; escola enquanto

³ No Caderno de Educação nº 9 – Como fazer a escola de Educação Fundamental, 2 ed. 2001, poderão ser encontradas maiores informações sobre o tema.

espaço-tempo de cultivar valores, conhecer a cultura e as artes, o valor do belo, do cuidado com a vida.

Coloca-se aí necessidade de um processo sério, coerente competente na avaliação. O Conselho de Classe Participativo⁴, hoje, tem sido um dos importantes espaços formativos e tem provocado mudanças nas relações de poder entre educandos e educadores. A escola desenvolve uma metodologia⁵ para a prática dos mesmos na escola, processo este que privilegia a avaliação do trabalho pedagógico desde as instâncias constituídas, ou seja, a participação na avaliação é outra dimensão que esta organicidade propõe para a formação humana. Freire (2001) evidencia a importância da participação na prática educativa progressista:

[...] partindo de uma compreensão crítica da prática educativa bem como de uma compreensão crítica da participação comunitária, nos alonguemos em considerações e análises em tono de suas relações. Em torno de como, fazendo educação numa perspectiva progressista, nos obrigamos, por coerência, a engendrar, a estimular, a favorecer, na própria prática educativa, o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao fazer educativo (FREIRE, 2001, p.65).

⁴ O Conselho de classe participativo é realizado desde a metodologia proposta e envolve educandos, educadores e a família, num turno de trabalho a cada semestre ou sempre que se fizer necessário.

⁵ 1º Momento – juntamente com o professor coordenador da turma, escolhido pelos estudantes, a turma faz a análise de todo o processo pedagógico da turma, com as avaliações e provas e da escola, avaliando os diversos aspectos que envolvem os diversos elementos, após elaboram um parecer descritivo da turma e do colégio. Este documento deve ser sistematizado pelo educador coordenador e o educando coordenador. 2º Momento – cada educando deverá elaborar uma auto-avaliação em forma de parecer descritivo do seu desempenho em classe, levando em consideração os elementos da aprendizagem e de participação coletiva na turma. Para isso a coordenação pedagógica da escola apresentará anteriormente os critérios. 3º Momento – realização de um encontro, para isso cada um dos educandos fará a leitura de sua auto-avaliação. Ambos serão ouvidos e após complementarão com análises, sugestões, questionamentos, desafios e até mesmos alertas e quais os passos a serem seguidos. Este momento fica sob a coordenação do educador coordenador e do educando coordenador, contando sempre com a presença dos demais educadores, da coordenação pedagógica da escola ou curso. Este momento é também de registro e estruturação do parecer descritivo por parte do educador coordenador e da coordenação pedagógica (PPP, p. 45, 2008).

Este é espaço-tempo de efetivar o que se chama de avaliação dialógica, um espaço de divisão do poder da instituição escolar, avalia-se cada sujeito e cada instância da escola envolvida no processo educativo.

A Escola Itinerante tem envolvido toda família no processo do conselho de classe participativo, rompendo a prática de um grupo de professores tomar decisões em conselho de classe, em que a classe não participa, em algumas situações é representada. O autoritarismo da avaliação tem perdido espaço nesta organização escolar. A escrita da auto-avaliação; a leitura e discussão da mesma nas rodas de diálogo envolvendo a turma, os educadores e familiares; os encaminhamentos tomados; a elaboração dos pareceres descritivos, entre outros, tem colocado para a escola novos resultados.

As possibilidades de agrupar e reagrupar educandos com necessidades, o encaminhamento para as classes intermediárias, além de se colocar como avanço na política pública, com liberação de mais educadores para atuar na escola, coloca-se com importante espaço pedagógico em que todos precisam aprender e se desenvolver.

3- CONSIDERAÇÕES

A pesquisa foi muito significativa, proporcionou conhecer melhor a dinâmica pedagógica da Escola Itinerante Paulo Freire.

É uma escola que trabalha procurando atender as necessidades dos filhos dos acampados e muda de acordo com as necessidades do acampado, vive num processo constante de construção.

A experiência foi significativa, me deu a oportunidade de reeducar meu olhar sobre esta realidade é uma escola diferente porque vai onde está o povo, se desloca e acompanha a luta, esta é sua principal diferença em relação as escolas

tradicionais. Sendo uma escola dinâmica, ela educa para serem livres não oprimidos.

Portanto, “não basta construir escolas *no* campo; queremos ajudar a construir escolas *do* campo, ou seja, escolas com um projeto político pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004. p. 27, grifos dos autores). Evidencia que muito já foi construído e há muito por se construir, sobretudo, quando o assunto é educação para os sujeitos do campo, sobretudo quando se fala em sujeitos que historicamente tiveram seus direitos negados.

A Escola itinerante faz o caminho da luta pela emancipação humana e política da classe trabalhadora, desafia aos gestores, pedagogos, educadores, enfim comunidade escolar, a rever nosso trabalho pragmático, das escolas tradicionais com a reprodução de uma organização pedagógica e de gestão escolar, arcaica e, que beira a mesmice e o comodismo, uma educação hegemônica, elitista, excludente que meramente prepara e, quando consegue, “pessoas”, não sujeitos e, apenas para a inserção como empregado no chamada mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). Por uma Educação do Campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

Caderno de Educação nº 9 – Como fazer a escola de Educação Fundamental, 2 ed. 2001.

Caderno de Educação Nº 13, 2005, p. 165-176

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 7º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Itinerante: a Escola dos Sem Terra – Trajetórias e Significados. Caderno da Escola Itinerante. MST. Ano I, nº2, Outubro/ 2008.

KRAMER, Sonia. Propostas Pedagógicas e Curriculares: subsídios para uma leitura crítica. In: Educação e Sociedade, Ano XVIII, n.60, dezembro, 1997.

MST. Como fazer a escola que queremos. 1993 (caderno de formação nº 01).

MST – Refletindo o movimento da Escola. 2009 (Cadernos da Escola Itinerante. Ano II. Nº 3).